

Um museu vivo

Entrevista com Antônio Firmino, co-fundador do coletivo Museu Sankofa Memória e História da Rocinha¹

DOI: <http://dx.doi.org/10.18472/cvt.23n3.2023.2166>

Aline Brufato

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Rio de Janeiro, RJ, Brasil

aline.brufato@coppe.ufrj.br

O Museu Sankofa da Rocinha destaca memórias locais, desafiando estigmas da favela e valorizando as narrativas autênticas dos moradores, seja por relatos orais ou documentos históricos, sempre priorizando a perspectiva da comunidade. Antônio Firmino, co-fundador do coletivo Museu Sankofa, ressalta: "A memória e as histórias da Rocinha são preservadas pelos seus moradores mais velhos, nossos grãos". Nesta entrevista, conheceremos um pouco mais dessa história com Firmino.



Foto

Reunião do coletivo Museu Sankofa
(dez/23)

Da esquerda para direita:

kinda Martins Firmino
Rosineide dos Santos
Antônio Carlos Firmino
Maria Beatriz Gomes
Leandro de Castro Benício

Quem é o Antônio Carlos Firmino?

Firmino: Há 30 anos moro na Rocinha, vim em 1994 para estudar em um pré-vestibular comunitário. Originalmente, sou do interior do estado do Rio de Janeiro, Miguel Pereira, do distrito de Conrado, e cheguei ao Rio em 1988 para trabalhar em Furnas. Em 1991, integrei a Juventude

¹ Sankofa é um adinkra africano, cujo sentido se traduz em “nunca é tarde para voltar e apanhar o que ficou para trás”. Site do museu: <https://museusankofarocinha.com.br>

Operária Cristã (JOC), onde comecei a compreender as questões sociais, econômicas e de classe. Na militância, lideramos o movimento "Universidade é nosso direito" na Baixada Fluminense e em 1994 participei de um curso pré-vestibular comunitário na Rocinha, organizado nos fins de semana numa igreja metodista, como estudante e coletivo de coordenação, buscando professores, arrecadando fundos e mobilizando pessoas negras e carentes para estudarem e entrarem na universidade.

Quando você foi morar na favela da Rocinha?

Firmino: Nesse período do pré-vestibular que conheci a minha esposa, nascida e criada na Rocinha, e que, infelizmente, faleceu há 2 anos e meio. Entrei no curso de geografia na UFF em 1997, tivemos um filho e mudei para a Rocinha. Deixei Furnas para trabalhar na Ação Social Padre Anchieta (ASPA), a instituição mais antiga da Rocinha com projetos de creche para crianças e de alfabetização de jovens e adultos. Convidado por José Martins de Oliveira, o presidente na época, coordenei a instituição sem experiência formal, mas com forte engajamento social. Aprendi fazendo, mergulhando na educação infantil e social, envolvendo-me com o movimento de creches na Rocinha na ASPA. Curiosamente, eu era o único homem nas reuniões das creches.

Qual é a origem do Museu Sankofa?

Firmino: Em 2000, as creches comunitárias passaram da Secretaria de Assistência Social para a Secretaria de Educação. A partir de 2002, junto ao Centro de Estudo e Pesquisa sobre a Infância (CIESPI), ONG parceira do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio, através da professora Irene Rizzini, iniciamos um projeto ligado à Rede Brincar com o intuito de resgatar brincadeiras, cantigas e criar jogos para crianças, promovendo alternativas ao entretenimento televisivo utilizado pelos educadores. Durante esse período, surgiu o Edital dos Pontos de Cultura e tanto a ASPA quanto o CIESPI tinham potencial para desenvolver um projeto. Em vez de competirmos, decidimos escrever um projeto colaborativo. Assim, criamos o projeto "Centro de Cultura e Educação Lúdica da Rocinha", depois simplificado para "Centro Lúdico da Rocinha".

Aprovado em 2004, o ponto de cultura Centro Lúdico da Rocinha iniciou suas atividades como ponto de cultura em 2005, unindo-se a outros pontos de cultura no Rio de Janeiro e participando do encontro nacional em São Paulo, 2006. Eu trabalhava na ASPA e gerenciava o ponto de cultura e percebi a importância de preservar a memória local, pois a grande maioria dos projetos de ponto de cultura enfatizavam a perda de suas memórias e tradições. Em 2007, houve o encontro dos Pontos de Cultura no Rio que resultou na ideia de fazermos o Plano Cultural da Rocinha. Paralelamente, realizamos o projeto Memória Rocinha em parceria entre o CIESPI e o Instituto Moreira Sales, documentando fotos, inclusive uma de 1895 dessa região aqui tirado pelo Marc Ferrez, fotógrafo brasileiro e pioneiro em registrar de paisagens no Brasil, e coletando depoimentos de moradores da favela da Rocinha.

Nessa jornada, conhecemos o Museu da Maré e buscamos o apoio de Gilberto Gil para um museu na Rocinha, solicitando uma audiência para conversar sobre o que ele achava da Rocinha ter um museu. E Gil falou: "A Rocinha tem todo o direito, sim, de ter um museu, acho que é válido". E, a partir daí, começamos a refletir sobre a ideia de um museu para a Rocinha.

Em 2007, encontramos com Aurélio Mesquita, diretor do grupo "Roça Caça Cultura" e organizador de um fórum cultural em parceria com o governo do estado, resultando no desenho do Plano Cultural da Rocinha. Esse plano abordou a preservação dos mestres locais, a possível proteção de patrimônios, como a Casa de Cultura, localizada na Rua 1, que tem a fachada tombada

como uma das primeiras casas de alvenaria na favela da Rocinha, e financiamentos para projetos, incluindo a criação do museu da Rocinha. Após o fórum, um pequeno grupo se reuniu na Escola de Música da Rocinha, localizada no Centro de Cidadania Rinaldo De Lamare (em frente à favela da Rocinha), e decidimos começar a tirar do papel a ideia de um museu para a Rocinha. Sem dinheiro, nós percebemos que já possuíamos um acervo espalhado e relacionado às experiências nas creches e na educação infantil com o resgate de brincadeiras, cantigas e elementos vinculados à memória da favela.

Em 2007 e 2008, contatamos o professor Mário Chagas, então diretor do Departamento de Museus do IPHAN, para conversarmos sobre o museu. Também nessa época, foi criado o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) e os pontos de cultura desempenharam um papel significativo nesse surgimento, contribuindo para a formação do IBRAM por meio de encontros chamados de "teias", nos quais os pontos de cultura se conectaram em uma rede unificada. É nesse contexto de políticas públicas para a área da cultura que, em 2008, formamos o coletivo Museu Sankofa Memória e História da Rocinha.

Como o coletivo Museu Sankofa começou a organizar o acervo e as exposições?

Firmino: Diante da falta de recursos financeiros, o grupo começou a desenvolver um pequeno acervo e organizou uma miniexposição. O ponto de partida do acervo e da mostra foi a exibição dos materiais do Jornal Tagarela² e do livro coletivo "Varal de lembranças: histórias e causos da Rocinha³", produzido durante as décadas de 70 e 80, organizado por Lygia Segala, professora da Universidade Federal Fluminense (UFF) e co-fundadora do coletivo do museu, Tânia Regina Silva, educadora social e secretária da Associação de moradores da Favela da Rocinha na década de 80 e Antônio de Oliveira Lima, presidente da Associação de Moradores na época. O livro narra memórias de moradores da Rocinha, incluindo Dona Guilhermina, entrevistada aos 81 ou 82 anos, mostrando que a história da Rocinha é mais antiga do que imaginado. Esse livro foi crucial para criar o acervo e consolidar a ideia do museu. Em 2009 e 2010, promovemos o Dia da Cultura na Rocinha, compartilhando nosso acervo. Como não tínhamos um espaço físico, utilizamos os espaços públicos, especialmente escolas, reconhecendo que esses locais produzem memória-história, então era crucial que isso fosse compartilhado.

Como se desenvolve a criação de uma exposição na favela sem um espaço físico para o museu?

Firmino: O espaço é o nosso o grande desafio. Nós participamos de uma roda de conversa, discussão e debate sobre a memória climática com o pessoal do Rede Favela Sustentável e os museus de favela (Sankofa, Museu da Maré, um grupo de pesquisa histórica lá de Santa Cruz, em Antares, e grupo de pesquisa do Vidigal). E, dessas discussões, surgiu a possibilidade de realização, de 27 de novembro a 1 de dezembro de 2023, de uma exposição relacionada à linha do tempo da questão climática e a política da ausência desses espaços. Você não tem água encanada, você não tem saneamento básico, o descaso do poder público, as remoções, mas que tem as lutas e as mobilizações. Essa exposição para acontecer na Rocinha tem de ser itinerante em três lugares: na

² A TV Tagarela é uma associação de mídia comunitária que emprega a linguagem audiovisual como ferramenta educativa na Rocinha. Atuando como uma instituição sem fins lucrativos, a TV Comunitária de Rua surgiu em 1998 após uma oficina de produção de vídeo da Ação Social Padre Anchieta (ASPA) para um grupo de jovens da favela.

³ SEGALA, Lygia; SILVA, Tania Regina da (Orgs.). Varal de lembranças: histórias da Rocinha. Rio de Janeiro: União Pró-Melhoramentos dos Moradores da Rocinha; Tempo e presença; SEC/MEC/FNDE, 1983.

Rua 1, em uma unidade de saúde e em uma escola. Isso tudo dá trabalho, você tem que ter gente, é uma exposição que monta, desmonta, aberta a quem estiver passando para que as pessoas vejam e façam uma reflexão, envolvendo a comunidade na construção da memória-história, mostrando que o museu não se limita a um espaço estático. É diferente do Museu da Maré, que conquistou um espaço e é todo plano. Ao contrário de outros museus em favelas que têm espaços físicos definidos, o desafio aqui é criar uma conexão ativa com as pessoas, preparando o terreno para um futuro do museu na Rocinha.

Como é que você pensa num museu que possa se aproximar, cada vez mais, das pessoas?

Firmino: Imagine uma pessoa deficiente com dificuldade de se locomover não vai no museu, pois só sai de casa para ir ao médico. Então, isso fez com que a gente começasse a pensar que não basta só ter um espaço físico. Porque a dimensão do nosso acervo para fazer exposição permanente, temporária, encontros, debates para organizar o museu que nós queremos demanda um espaço físico que seja de fácil acesso.

Não basta ter só um espaço físico para as pessoas visitarem o museu. É como diz a música do Milton Nascimento, Nos bailes da vida, "Todo artista tem de ir aonde o povo está". Eu falo: "O museu tem que ir aonde o povo está", o museu não tem que ficar esperando o povo ir até ele. E eu venho trazendo isso justamente pra entender como que é a nossa realidade. Nós estamos falando de uma favela que é um terreno totalmente irregular. É morro, são becos e vielas. Por mais que você tenha um espaço físico, nem todo mundo vai poder visitar.

Como você mudou a percepção sobre o museu ao espalhar o acervo pelas casas dos moradores?

Firmino: Realizamos as nossas atividades de forma itinerante, percorrendo becos, vielas e ruas da favela e levando às pessoas um acervo diversificado de fotos, documentos, objetos e filmes que narram a história e a vida cotidiana dos moradores. Essa abordagem une as práticas museológica e social, incentivando os moradores a compartilharem suas memórias e histórias por meio de depoimentos ou doações de material para o museu Sankofa, cujo acervo está em constante construção e expansão. Porque quando se fala do museu, todo mundo pergunta: "Aonde que é o museu?". Eu falo: "O museu é a Rocinha toda".